

# VARIAÇÃO, MUDANÇA E ESTILÍSTICA: DEMONSTRATIVOS

César Nardelli CAMBRAIA<sup>1</sup>  
Evandro Landulfo Teixeira Paradela CUNHA  
Vanessa Peres Dantas BEZERRA  
Victor Hugo Barbosa RAMALHO

**RESUMO:** A variação lingüística, constitutiva da linguagem humana, manifesta-se de forma diferenciada segundo diversos fatores. Para compreender como essa variação se manifesta em textos literários, realizou-se uma análise do comportamento lingüístico dos demonstrativos em oito obras de um autor brasileiro carioca, escritas entre 1986 e 2006. Os resultados permitiram verificar que, no período considerado, (a) a variação lingüística no uso dos demonstrativos se manifesta efetivamente nas obras analisadas, (b) houve mudanças no padrão de uso dos demonstrativos de uma obra para outra e (c) os padrões de uso encontrados não coincidem com o do padrão culto oral da cidade do Rio de Janeiro nem com o da norma preconizada pelas gramáticas, sendo marcados por hipercorreção, o que lhe confere um padrão particular (estilo próprio).

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação lingüística; mudança lingüística; estilística; demonstrativos.

## 1. Objetivos

Diversos estudos (LABOV, 1972, 1995, 2001) têm demonstrado, de forma empírica, que a variação lingüística é constitutiva da linguagem humana e que essa variação se manifesta como uma heterogeneidade ordenada, ou seja, seu comportamento é controlado por um conjunto de fatores de ordens diversas (estruturais e sociais).

Uma questão interessante que surge a partir dessas constatações é de que forma a variação lingüística se manifesta em diferentes gêneros textuais. Duas parecem ser as situações esperadas: (a) simples reprodução do padrão de variação de alguma das variedades (culto ou vernacular) de uma língua; ou (b) modificação desse padrão com propósitos comunicativos especiais. Nesse segundo caso, os procedimentos seriam

---

<sup>1</sup> UFMG, Faculdade de Letras, Av. Antônio Carlos n. 6627, Campus Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, e-mail: nardelli@ufmg.br, cunhae@ufmg.br, victor\_marvintm@yahoo.com.br, vanessapdb@gmail.com.

essencialmente dois: (i) modificação de um padrão variável para adequá-lo à norma preconizada pelas gramáticas; ou (ii) modificação desse padrão para constituição de um estilo próprio.

Diferentes trabalhos (NASCENTES, 1965; CÂMARA JR., 1985; CID, COSTA & OLIVEIRA, 1986; PAVANI, 1987; CASTILHO, 1993; RONCARATI, 2003; PEREIRA, 2005; CAMBRAIA & BIANCHET; 2008) já apontaram que os demonstrativos do português brasileiro apresentam variação, sobretudo entre as formas *este* e *esse*. Mas **como essa variação se manifesta em textos literários?**

## 2. Metodologia

Para analisar como a variação lingüística no sistema de demonstrativos do português brasileiro se manifesta em textos literários, realizou-se uma análise dessas formas em oito obras de Paulo Coelho (*Manual Prático de Vampirismo*<sup>2</sup> [MPV], ca. 1986; *Diário de um Mago* [DMG], 1987, *O Alquimista* [ALQ], 1988; *Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei* [MRP], 1994; *O Monte Cinco* [MOC], 1996; *O Manual do Guerreiro da Luz* [MGL], 1997; *Verônica Decide Morrer* [VDM], 1998; *A Bruxa de Portobello* [BRP], 2006), representando um período de produção de 20 anos de literatura esotérica desse autor carioca, nascido em 1947. Coletaram-se todas as ocorrências de demonstrativos (4358 dados<sup>3</sup>) e quantificaram-se essas ocorrências segundo diferentes parâmetros (*forma* [*este* e flexões = F1; *esse* e flexões = F2; e *aquele* e flexões = F3], *gênero* [masculino, feminino e neutro], *posição sintática* [margem e núcleo] e *valor referencial* [exofórico = X e endofórico = N]).

---

<sup>2</sup> Em co-autoria com Nelson Liano Jr.

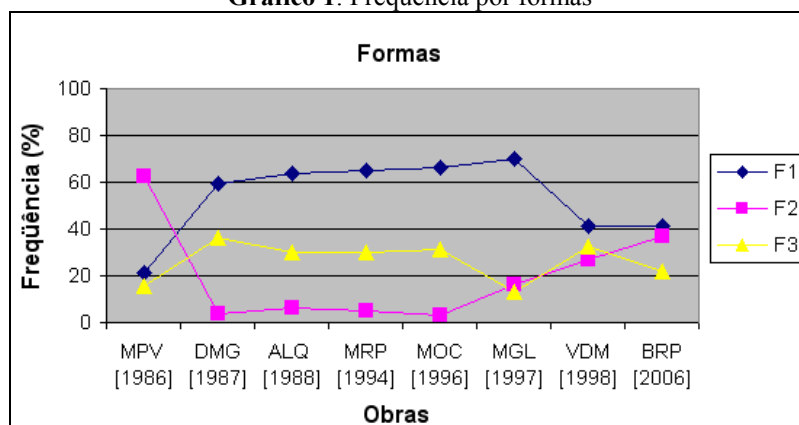
<sup>3</sup> O número de demonstrativos obtidos por obra foi: MPV, 388; DMG, 792; ALQ, 436; MRP, 506; MOC, 438; MGL, 201; VDM, 582; BRP, 1016.

### 3. Resultados

#### 3.1. Formas

A distribuição das formas ao longo da faixa de tempo analisada (gráf. 1) mostra um padrão bastante curioso: F2 sofre uma baixa brusca de *MPV* (63%) para *DMG* (4%) mas começa a aumentar a partir de *MGL* (16%), atingindo, porém, em *BRP* (37%) um valor ainda abaixo do inicial. Como as ocorrências de F1 apresentam comportamento contrário em relação a F2, com aumento a partir de *DMG* e queda a partir de *MGL*, tem-se um sinal de que sejam formas concorrentes. RONCARATI (2003) apresenta como frequência para suas amostras do NURC/RJ de 1980 e 2000 para falantes da faixa etária 26-49, respectivamente, 0,2 % e 0,3% para F1 e 75,4 % e 79,8% para F2, ou seja, no seu *corpus* o padrão se manteve como relativamente estável. Os dados das obras de Paulo Coelho mostram, portanto, um padrão de comportamento dissonante do português culto oral carioca, uma vez que, em suas obras se percebem, em especial, (a) nítida oscilação na frequência de F1 e F2 e (b) predomínio de F1 no período de *DMG* a *VDM*.

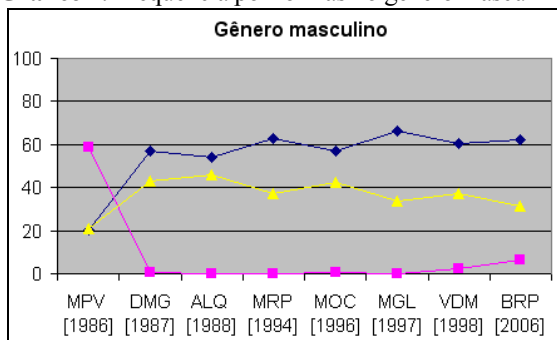
Gráfico 1: Frequência por formas



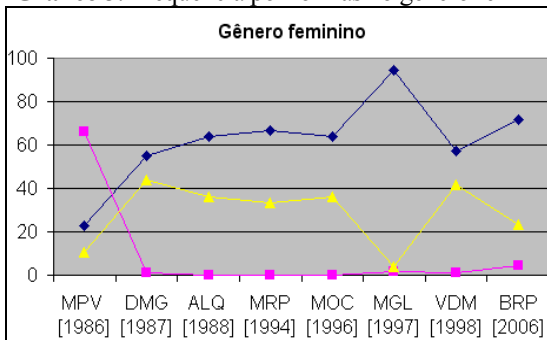
### 3.2. Gênero

Embora a frequência de demonstrativos por gênero seja quase equânime por obra e ao longo de todo o período ( $\pm 33\%$  por gênero), a distribuição de cada forma por gênero (gráfs. 2, 3 e 4) é bastante peculiar. Com a queda de F2 a partir de *DMG*, praticamente somem suas ocorrências nos gêneros masculino e feminino, restando, porém, algumas poucas ocorrências no neutro. Quando F2 volta a crescer (a partir de *MGL*), é quase exclusivamente no gênero neutro que ocorre desde então. Vê-se, portanto, uma idiosincrasia de reservar F2 apenas para o gênero neutro, como se houvesse uma especialização do uso dessa forma.

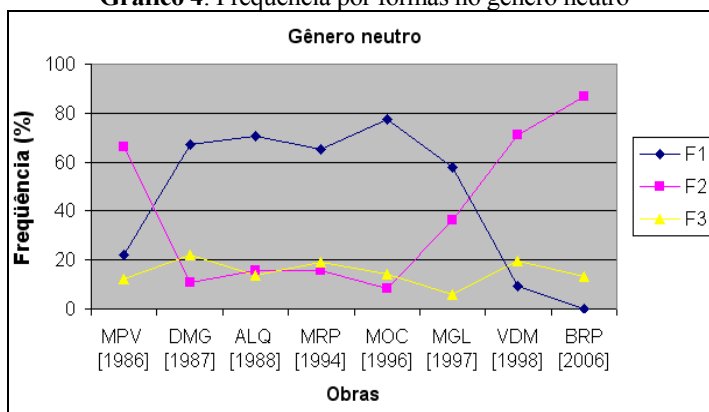
**Gráfico 2:** Frequência por formas no gênero masculino



**Gráfico 3:** Frequência por formas no gênero feminino



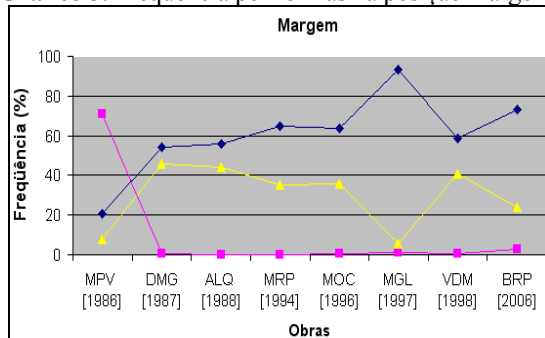
**Gráfico 4:** Frequência por formas no gênero neutro



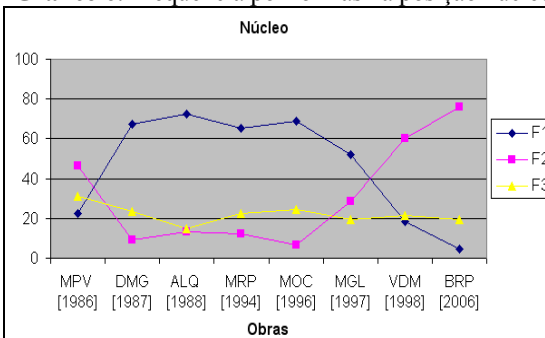
### 3.3. Posição sintática

A distribuição quanto à posição sintática (gráfs. 5 e 6) repete aproximadamente a de gênero, o que de certa forma era de se esperar, já que as formas neutras só podem ocorrer como núcleo de sintagma nominal no português. Vê-se que F2 praticamente desaparece na posição de margem do SN a partir de *DMG*, enquanto na posição de núcleo do SN sofre queda a partir de *DMG* mas entra em tendência crescente a partir de *MGL*, ou seja, desde *DMG* F2 se especializa na posição núcleo.

**Gráfico 5:** Frequência por formas na posição margem



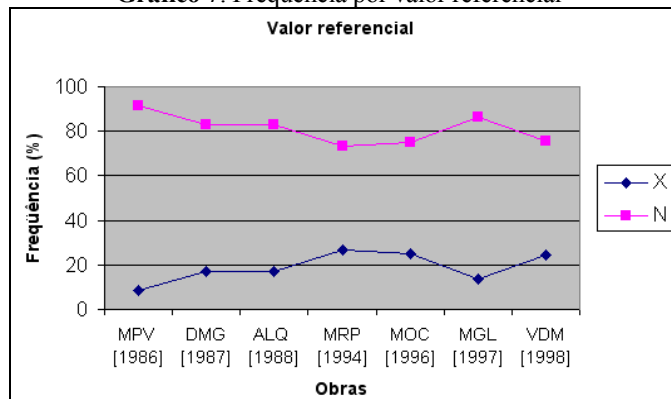
**Gráfico 6:** Frequência por formas na posição núcleo



### 3.4. Valor referencial

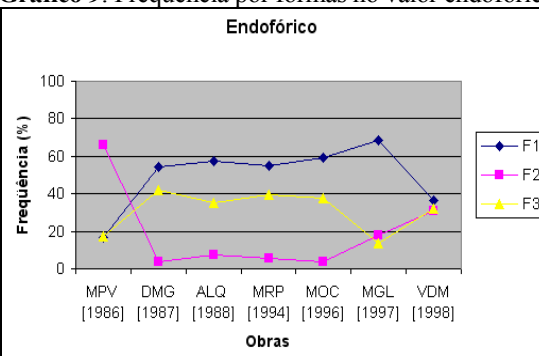
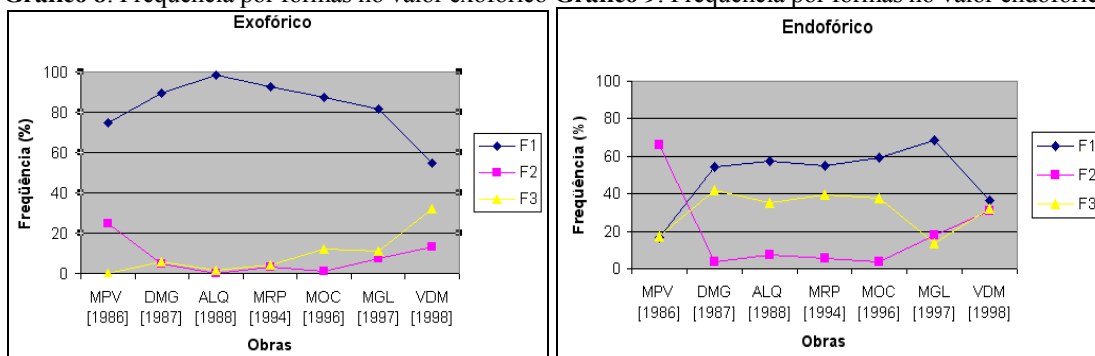
A distribuição dos demonstrativos no que se refere ao seu valor referencial (gráf. 7) demonstra que nas obras analisadas existe um predomínio acentuado no valor endofórico. Como os textos apresentam predominantemente discurso indireto em relação a direto, pode-se considerar que a predominância do valor endofórico reflete em parte o gênero textual.

**Gráfico 7: Frequência por valor referencial**<sup>4</sup>



Para compreender melhor o uso dos demonstrativos é necessário ainda avaliar a relação entre as formas e os valores expressos. Nas obras analisadas, há, no valor exofórico (gráf. 8), que, como se disse, é de forma geral pouco freqüente, um predomínio absoluto de F1 ao longo do tempo considerado, embora a partir de *MGL* haja um crescimento de F2 com esse valor. Para o valor endofórico (gráf. 9), F2 perde predominância a partir de *DMG*, passando porém a crescer a partir de *MGL*.

**Gráfico 8: Frequência por formas no valor exofórico** **Gráfico 9: Frequência por formas no valor endofórico**



### 3.5. Variação

A análise até este ponto não permite ainda afirmar que haja propriamente variação lingüística no uso dos demonstrativos nas obras analisadas — para uma tal

<sup>4</sup> Excepcionalmente, este aspecto não foi analisado em relação à *BRP*.

afirmação é necessário que se verifique se há o uso de formas diferentes com o mesmo significado, ou seja, mesmo valor de verdade (LABOV, 1972, p. 188).

Embora esse aspecto não tenha ainda sido analisado no *corpus* do ponto de vista quantitativo, pode-se afirmar ainda assim que há variação no uso dos demonstrativos nas obras investigadas, pois, do ponto de vista qualitativo, encontraram-se diversas ocorrências de um mesmo significado sendo expresso por diferentes formas.

Especificamente no âmbito do valor exofórico, é possível reconhecer, no mínimo, quatro subvalores: referência ao falante, ao ouvinte, conjuntamente ao falante e ouvinte e a nenhum deles. Tradicionalmente os demonstrativos, com valor exofórico, costumam ser vinculados a apenas três dos subvalores citados, negligenciando-se um quarto: referência ao falante e ao ouvinte conjuntamente, aspecto que em certas línguas é, aliás, codificado com uma forma própria, como é o caso do o bamba, da família banto, segundo assinala GIVÓN (2001, p. 405). Para a expressão de referência ao falante, ao ouvinte ou conjuntamente ao falante e ouvinte são usadas as formas F1 e F2; para a expressão de referência a nenhum deles emprega-se via de regra F3. Assim, por exemplo, para exprimir referência ao ouvinte emprega-se F1 ou F2 — confirmam-se os seguintes exemplos:

(01) “Acho que *esta* sua teimosia em almoçar aqui pode acabar com nossos feriados.” (MRP, § 389, *italico* nosso)

(02) “— Amar é perigoso.  
— Sei *disso* — respondi.” (MRP, § 507-508, *italico* nosso)

Ambas as ocorrências citadas se dão em discurso direto e os demonstrativos referem-se ao ouvinte: em (01), a personagem Pilar (o falante) refere-se à teimosia do personagem Seminarista (o ouvinte); e em (02) Pilar (o falante) refere-se às palavras do Seminarista (o ouvinte).

No âmbito do valor endofórico, geralmente se diferencia o subvalor anafórico (=A), referência a algo que já foi dito, do catafórico, referência a algo que vai ser dito. No caso dos anafóricos, é necessário ainda diferenciar a distância do termo a que se refere, pois normalmente empregam-se F1 e F2 para termo próximo e F3 para termo distante. Assim, por exemplo, para exprimir uma anáfora a termo próximo, encontra-se o uso de F1 ou de F2:

(03) “– O Mensageiro só lhe serve para uma coisa: ajudar no mundo material. E ele só lhe dará *esta* ajuda se você souber exatamente o que deseja.” (DMG, § 410, itálico nosso).

(04) Olho para trás, a mesma paisagem monótona, com a única diferença que a poeira do chão tem as marcas das solas de meus sapatos – mas *isso* é temporário, o vento as apagará antes que chegue a noite. (DMG, § 8, itálico nosso).

Em (03), o demonstrativo do SN *esta ajuda* retoma o antecedente *ajudar no mundo material*, processo já descrito em CASTILHO (1993, p. 128) como estratégia em que o substantivo especificado funciona como tema derivado de um rema anterior. Em (04), o demonstrativo *isso* retoma o antecedente *a poeira do chão tem as marcas das solas de meus sapatos*, processo também já descrito em CASTILHO (1993, p. 136) como estratégia em que o demonstrativo neutro retoma uma sentença inteira.

A investigação mais rigorosa da variação no uso de demonstrativos depende ainda da elaboração de um mapeamento coerente dos valores semânticos que essas formas podem expressar, mapeamento este, assinala-se, ainda inexistente, apesar dos diversos trabalhos que já se fizeram sobre o tema. Seguramente uma das maiores dificuldades está no fato de os demonstrativos poderem expressar valores em diferentes esferas que, em certos casos, podem se sobrepor. Em abordagens tradicionais (p. ex., BECHARA, 1978; CUNHA & CINTRA, 1985), costuma-se salientar que os demonstrativos podem situar o referente no *espaço*, no *tempo* e no *discurso*: situam no espaço ao se



vincularem às pessoas do discurso (proximidade ao falante, proximidade ao ouvinte ou distância de ambos); situam no tempo ao localizarem o referente no momento da enunciação, em momento anterior ou posterior a ela; e, por fim, situam no discurso ao remeterem ao que já foi dito ou ao que vai ser dito. Essas esferas, porém, podem se cruzar no uso real da língua — confira-se o dado a seguir:

- (05) Colocaram meu caixão na borda da sepultura. Vão me enterrar! Minha mulher vai me esquecer, vai casar com outro e vai gastar o dinheiro que lutamos para juntar durante todos estes anos! (...) Estou trancado *neste* túmulo escuro e frio, sozinho, sendo devorado vivo! (DMG, § 752 e 754, itálico nosso).

Esse dado exemplifica a sobreposição entre o valor endofórico anafórico e o exofórico referente ao falante: o personagem Paulo, após ter-se localizado em uma sepultura, retoma-a através de um SP contendo o demonstrativo *este* (contraído com a preposição *em*) e o substantivo *túmulo* (uma retomada de sepultura por sinônimo, portanto). Se se considerar o fato de haver uma retomada do termo *sepultura* anteriormente citado, então o valor expresso pelo demonstrativo é endofórico anafórico; mas, se se considerar o fato de o falante estar nesse túmulo, o valor expresso é exofórico referente ao falante.

Confira-se ainda um outro exemplo:

- (06) Uma dor terrível apareceu no meu estômago, e começou a subir pela garganta, até transformar-se em soluços secos, sem lágrimas, diante daquele cordeiro e daquela cruz. (...) *Esta* dor que sinto agora no meu peito, e que me faz soluçar e assustar o cordeiro, vem acontecendo desde que o homem existe (DMG, § 1281, itálico nosso).

Nesse dado, o demonstrativo *esta* acumularia valores das três esferas já mencionadas: espacial, temporal e discursiva. Do ponto de vista espacial, situa a dor no falante (= valor exofórico referente ao falante), o que se confirma pela ocorrência do possessivo *meu* em seguida; do ponto de vista temporal, localiza a dor no momento da enunciação

(= valor exofórica temporal de presente), o que fica claro com a presença logo adiante do advérbio *agora*; e, do ponto de vista discursivo, refere-se a algo que já tinha sido dito pelo falante (= valor endofórico anafórico), como se vê no início da transcrição em que consta *uma dor terrível* (a dor tinha começado no estômago do personagem, mas, como relata, essa mesma dor subiu ao coração em seguida).

Essa possibilidade de sobreposição funcional não escapou a todos que já se ocuparam dos demonstrativos, pois BECHARA (1978, p. 265), por exemplo, considera que, no caso de referência a enunciado anterior (= função endofórica anafórica) que envolve afastamento da 1ª pessoa (= função exofórica espacial) ou do tempo que se fala (= função exofórica temporal de passado), prevaleceria a forma referente à função anafórica.

A consciência da ausência de uma descrição capaz de dar conta dos diferentes usos dos demonstrativos parece com frequência em gramáticas tradicionais. BECHARA (1978, p. 265), após sua explanação sobre o emprego dos demonstrativos, assinala que:

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso, exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Opinião semelhante aparece também em CUNHA & CINTRA (1985, p. 322):

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática. Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Lingüisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta, isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

A superação da dificuldade em dar conta do emprego dos demonstrativos e, conseqüentemente, de identificar em que contextos há efetivamente variação entre as formas só ocorrerá, portanto, através de um mapeamento nítido de todos os valores

semânticos passíveis de serem expressos pelos demonstrativos em suas diferentes esferas (espacial, temporal e discursiva) e da investigação sobre como interagem essas esferas no processo de seleção das formas.

#### 4. Discussão dos resultados

Retomando as questões colocadas no início deste trabalho, pode-se dizer, primeiramente, que *há variação lingüística no uso dos demonstrativos na obras de Paulo Coelho analisadas neste trabalho*: essa variação se dá sobretudo entre F1 e F2.

Em segundo lugar, verificou-se que *o comportamento dos demonstrativos nas referidas obras apresenta mudanças de padrão ao longo do período analisado*. Essas mudanças consistem sobretudo na queda do uso de F2 e no aumento do de F1 de *MPV* para *DMG*; e no aumento do uso de F2 e na queda de F1 a partir de *MGL*.

Em terceiro lugar, constatou-se que *o comportamento dos demonstrativos nas referidas obras apresenta um padrão distinto da variante culta oral carioca e da norma preconizada pelas gramáticas*. Na variante culta oral carioca, como atestado por RONCARATI (2003), há um predomínio de F2 sobre F1 (que ainda apresenta ocorrências praticamente residuais), enquanto nas obras de Paulo Coelho, há, a partir de *DMG*, um predomínio absoluto de F1 sobre F2 e, além disso, as ocorrências de F2 passam a restringir-se praticamente ao gênero neutro como núcleo do sintagma nominal, mesmo quando as ocorrências de F2 começam a apresentar aumento a partir de *MGL*. Na norma preconizada pelas gramáticas, F1 (forma predominante nas obras de Paulo Coelho) é vinculada ao falante, ao momento da enunciação ou ao que vai ser dito, mas nas obras analisadas F1 desempenha também as funções tradicionalmente reservadas a F2 (referência ao ouvinte, a momento anterior ou posterior próximo ao da enunciação ou ao que foi dito). Sendo assim, deve-se considerar que o padrão do comportamento dos

demonstrativos nas obras de Paulo Coelho refletem um uso particular, ou seja, um estilo próprio, caracterizado por um uso mais freqüente e abrangente de F1. Não se pode, porém, atribuir esse uso freqüente e abrangente de F1 ao objetivo de criar efeitos específicos para cada contexto de ocorrência (tais como ênfase, pejoratividade, afetividade, etc.) em função justamente de sua alta freqüência e ampla abrangência para os mais variados contextos, além de a especialização do uso de F2 ser determinada por fatores estritamente formais – morfológico (gênero neutro) e sintático (núcleo do SN) – e não contextuais.

A singularidade do padrão dos demonstrativos nas obras de Paulo Coelho desperta naturalmente a curiosidade: por que o padrão adotado foi justamente esse, e não outro? Uma resposta plausível está no tradicional conceito de *hipercorreção*:

Termo usado (...) quando uma forma lingüística vai além do ponto estabelecido pela variante de língua que o falante tem como meta. O fenômeno geralmente acontece quando os falantes de um dialeto que não é o padrão tentam usar o dialeto padrão e “vão longe demais”, produzindo uma versão que não existe no padrão. (CRYSTAL, 1988, p. 138)

Considerando que na modalidade oral do português do Brasil há um predomínio quase que absoluto de F2 sobre F1 (como constatado pelos diversos estudos já citados aqui), na construção de sua variedade literária o autor terá acentuado o uso de F1 como forma de diferenciação da modalidade oral, fazendo com que o resultado se distanciasse não apenas do padrão da modalidade oral como até mesmo do padrão normatizado pelas gramáticas (embora se deva admitir que há oscilação nessa normatização, mas nenhuma das versões do padrão preconizado coincide com os apurados nas obras de Paulo Coelho).

Já as modificações do padrão ao longo do tempo parecem ser fruto de uma interação entre autor e editor. Como assinala ROMANCINI (2002, p. 12), o primeiro livro de Paulo Coelho lançado de fato pela Rocco — *Brida* [1990] — contou decididamente

com a participação do editor, Paulo Rocco, mas, pelo relato do editor, não fica claro até que ponto terá interferido. Coelho, porém, quando entrevistado, salienta que é “100% responsável” pelo que está em suas obras (MIKEVIS, 2008).

Das obras analisadas neste trabalho, *MPV* [1986], *DMG* [1987] e *ALQ* [1988] foram publicadas inicialmente pela editora Eco, mas essas duas últimas obras passaram à editora Rocco respectivamente a partir de 1990 e 1988<sup>5</sup>; *MRP* [1994] foi publicada já pela Rocco; *MOC* [1996], *MGL* [1997] e *VDM* [1998], pela editora Objetiva; e, por fim, *BRP* [2006], pela Planeta. Comparando esses dados editorais com os padrões nos demonstrativos (cf. gráf. 1), verificam-se alguns fatos interessantes. Primeiramente, *MPV*, *DMG* e *ALQ* foram publicadas pela mesma editora mas é de *MPV* para *DMG* que o padrão hipercorrigido emerge. Como *MPV* era obra em co-autoria com Nelson Liano Jr e ainda com o próprio editor (Ernesto Emanuele Mandarino), o primeiro padrão, bastante próximo do que se constatou para a modalidade oral do português do Rio de Janeiro, poderia ser fruto de interferência dos demais autores. ROMANCINI (2002, p. 6-7) apurou que, das cinco partes do *MPV*, a primeira e a segunda foram escritas por Coelho e Liano Jr.; a terceira, apenas por Liano Jr.; a quarta, pelo editor; e a quinta apenas por Coelho. Analisando somente os demonstrativos da quinta parte (de responsabilidade apenas de Coelho), nota-se ainda assim uma alta frequência de F2 (23% de F1, 60% de F2 e 17% de F3), o que significa Coelho de fato empregava originalmente na escrita um padrão próximo ao culto oral e que a primeira mudança de padrão parece ser atribuível apenas ao autor. Aliás, mesmo os padrões das partes escritas exclusivamente por Liano Jr. (4% de F1, 73% de F2 e 23% de F3) e pelo editor (45% de F1, 51% de F2 e 4% de F3) apresentam igualmente alta frequência de F2.

---

<sup>5</sup> *MPV* não voltou mais a ser publicado tendo Paulo Coelho como co-autor, apenas Nelson Liano Jr., ainda pela editora Eco.

É curioso que, em relação a *MRP*, obra analisada originalmente publicada pela Rocco, justamente a editora em que a interação entre autor e editor é sabida, o padrão dos demonstrativos é idêntico ao das duas últimas obras da editora anterior (*DMG* e *ALQ*), ou seja, não há evidência de modificação desse aspecto com a mudança da editora Eco para a Rocco.

Já mudança de padrão de *MOC* para *MGL*, ambas as obras publicadas a partir de então pela editora Objetiva, poderia ser atribuída a uma maior interação entre autor e editor, embora não haja relato de que essa interação tenha de fato existido (diferentemente do que já se disse em relação ao editor da Rocco). Um problema para essa hipótese da interação é o fato de *MOC* ainda manter o padrão anterior hipercorrigido, mesmo já sendo publicada por uma nova editora: entretanto, como *MOC* foi justamente a primeira obra do autor publicada pela editora, é possível que tivesse sido elaborada quando o autor ainda estivesse sob o contexto da editora anterior; terminado esse contexto, o autor teria mudado o padrão por opção sua ou por sugestão da nova editora.

O padrão dos demonstrativos em *BRP*, obra publicada por outra editora (Planeta), reflete a continuação de uma tendência surgida desde *MGL*, na qual o uso de F2 tinha começado a aumentar de frequência e o de F1 a diminuir. É interessante notar que essa tendência se dá rumo ao padrão oral, no qual F2 é predominante. Embora se afirme que o estilo de Coelho seja marcado pela oralidade (MIKEVIS, 2008), ao longo do período analisado neste trabalho o que mais marca o estilo desse autor no que se refere ao padrão dos demonstrativos é justamente o contrário: há um padrão hipercorrigido, inverso ao da modalidade oral do português brasileiro.

De qualquer maneira, desde *DMG*, há um traço lingüístico individualizante e constante ao longo do período no que se refere aos demonstrativos nas obras de Paulo

Coelho: a tendência de reservar F2 para o gênero neutro e como núcleo do SN, fosse F2 menos ou mais freqüente do que F1.

## 5. Conclusões

O presente trabalho apresentou uma análise do comportamento lingüístico dos demonstrativos em oito obras de Paulo Coelho a fim de verificar como a variação lingüística dos referidos itens se manifesta em textos literários. No que se refere ao gênero considerado (literatura esotérica ou de auto-ajuda), verificou-se que: (a) a variação lingüística no uso dos demonstrativos se manifesta efetivamente nas obras analisadas; (b) houve no curso do tempo analisado (1986-2006) mudanças no padrão do comportamento dos demonstrativos (em especial, a queda inicial brusca na freqüência de F2 simultânea a um predomínio de F1, acompanhados de uma tendência de aumento de F2 no período final, mas com restrição ao gênero neutro e como núcleo de SN); (c) os padrões encontrados não coincidem com o do padrão culto oral da cidade do Rio de Janeiro nem com o da norma preconizada pelas gramáticas, sendo marcados por hipercorreção, o que lhe confere um padrão particular (estilo próprio).

## Referências bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 23. ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CÂMARA JR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMBRAIA, C. N. & BIANCHET, S. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 35, p. 15-36, 2008.
- CASTILHO, A. T. de. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. T. de (org.) *Gramática do português falado: as abordagens*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. Vol. 3, p. 119-147.
- CID, O.; COSTA, M. C. e OLIVEIRA, C. T. *Este e esse na fala culta da Rio de Janeiro. Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 5, 1986.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. 5. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. 2 v.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Reprint. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.
- MIKEVIS, D. Paulo Coelho rebate críticas sobre texto e frase polêmica. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 agosto 2008. Caderno Ilustrada. [Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u430388.shtml>; acesso em 06 de agosto de 2008]
- NASCENTES, A. Êste, êsse. In: AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Miscelânea filológica em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1965. p. 3-5.
- PAVANI, S. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 1987. (Dissertação, Mestrado em Linguística)
- PEREIRA, H. B. *'Esse' versus 'este' no português brasileiro e no europeu*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2005. (Dissertação, Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa)
- ROMANCINI, R. Paulo Coelho, um autor singular: da cultura das bordas ao centro. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO-INTERCOM, 15, 2002, Salvador. *Anais....* São Paulo : INTERCOM, 2002. [Disponível em [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP4romancini.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP4romancini.pdf); acesso em 11.06.2008]
- RONCARATI, C. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, M. da C & DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 139-157.